

LIFEFORCE / 1985

(*As Forças do Universo*)

um filme de Tobe Hooper

Realização: Tobe Hooper / **Argumento:** Dan O'Bannon e Don Jakoby, baseado no romance *The Space Vampires* de Colin Wilson / **Direção de Fotografia:** Alan Hume / **Direção Artística:** Bob Cartwright, Terry Knight, Tony Reading, Alan Tomkins / **Guarda-Roupa:** Carin Hooper / **Música:** Henry Mancini / **Montagem:** John Grover / **Interpretação:** Steve Railsback (Coronel Tom Carlsen), Peter Firth (Coronel Colin Caine), Frank Finlay (Dr. Hans Fallada), Mathilda May (mulher do espaço), Patrick Stewart (Dr. Armstrong), Michael Gothard (Dr. Bukovsky), Nicholas Ball (Roger Derebridge), Aubrey Morris (Sir Percy Heseltine), Nancy Paul (Ellen Donaldson), John Hallam (Lamson), John Keegan (guarda), Chris Jagger (primeiro vampiro), Bill Malin (segundo vampiro), Jerome Willis (patologista), Derek Benfield (médico cirurgião), John Woodnutt (metalurgista), John Forbes-Robertson (o ministro), Peter Porteous (o primeiro-ministro).

Produtores: Yoram Globus, Menahem Golan / **Produtores Associados:** Michael J. Kagan / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 101 minutos / **Estreia em Portugal:** Alfa / Eden / Gemini, a 29 de Agosto de 1986.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Lifeforce marca de forma precisa o princípio do declínio comercial do realizador Tobe Hooper. Não que antes tenha havido sempre consenso na apreciação dos seus filmes, tais como a obra-prima **The Texas Chain Saw Massacre**, o subvalorizado **The Funhouse** e o seu muito popular filme, feito em parceria com Steven Spielberg, **Poltergeist**. Na verdade, estes filmes estão envoltos em problemas ora com a censura (caso do primeiro, que, por exemplo, esteve proibido em França durante sete anos), ora com as próprias condições de produção (caso do segundo). **Poltergeist** deve ser o filme que hoje perdura mais no imaginário coletivo, estando associado, popularmente, aos festejos do Halloween ou, com outra sofisticação e noutros fóruns, ajudando à reflexão em torno do "poder dos *media*" – o televisor enquanto porta de saída dos fantasmas que assombram a casa no filme.

A casa assombrada ou maldita deverá ser o grande *leitmotif* desta primeira fase da obra de Hooper, realizador que se interessou desde cedo em produzir horror, como reportava em 1982 Cynthia Rose no *Monthly Film Bulletin*, a partir de uma "possibilidade humana ao invés de sobrenatural". Para um fã incondicional de **Psycho** ou **Night of the Living Dead**, a matéria a partir da qual o mal enfermava tinha de se basear em factos concretos. **The Texas Chain Saw Massacre** vive aliás deste "efeito do real" quando ostenta, como faz o caçador com os seus troféus, a frase "inspirado em factos verídicos". O mergulho terrífico que proporciona nas profundezas do oeste americano opera sobre o imaginário popular do *western* como a motosserra de Leatherface sobre os corpos dos "visitantes indesejados" que, sem aviso prévio, lhe foram bater à porta de casa.

Forçar a visita à casa maldita mesmo quando não fomos convidados é sujeitarmo-nos às consequências. Em certa medida, este é o desafio que vai produzindo os efeitos horríficos no cinema de Hooper. Há sempre qualquer "segredo atrás da porta", citando aqui o título de um clássico de Fritz Lang, que nos leva a dar mais um passo em frente. Mesmo no mais contemporâneo e injustamente ignorado **Toolbox Murders**, podemos detetar o fascínio de Hooper pelos interstícios maléficos da casa. Casa de quem? Pois, essa é a pergunta – uma questão de soberania... – que perpassa boa parte da sua obra irregular mas globalmente esfuziante.

Para **Lifeforce**, adaptação à tela do livro *The Space Vampires* de Colin Wilson, Hooper não abandona totalmente todas estas imagens, mas subverte aquele princípio fundamental: em vez de se basear em "factos concretos do real" (como uma viagem ao lado mais escondido do Texas, uma ida à feira popular ou uma noite passada em casa), atira-nos, logo nos primeiros minutos, para um cenário de ficção científica indiscutivelmente fantasioso. Aquilo que num filme como **Alien** (também com argumento assinado por Dan O'Bannon) dura vários minutos a construir, em **Lifeforce** é arrumado em meia dúzia de cenas: um grupo de cosmonautas descobre um "objeto voador não identificado" onde estão "à sua espera" três corpos humanos inanimados protegidos por cápsulas transparentes, quais sarcófagos *high tech*. A resistência à ideia de levar para a nave aqueles três prodigiosos exemplares da... espécie humana – mas serão mesmo humanos? – acaba por se desfazer com o enfeitiçamento dos elementos masculinos da equipa pela beleza ofuscante da jovem "mulher" de corpo perfeito que se oferece despido à vista.

Neste particular, Hooper mantém-se fiel à fórmula de **Poltergeist**, distanciando-se mais um bocadinho dos seus primeiros filmes, na medida em que não é o bem que é o visitante indesejado ou o estrangeiro/*alien* mas sim, de modo mais previsível, a fonte do mal. A diferença relativamente a **Poltergeist** e até ao seu filme seguinte, o ed woodiano *remake* **Invaders from Mars**, é que em **Lifeforce** são os homens que transportam o mal para o seu planeta, isto é, aqui a noção de invasão ou assombramento terá sempre, por detrás, uma certa dose de "irresponsabilidade", digamos assim, própria desta nossa *human race*. (Neste particular, não é coincidência que o nome de Hooper tenha sido apontado, antes do de Carpenter, para a realização do *remake* de **The Thing**, filme onde o processo de "trasladação" da fonte do mal decorria em moldes semelhantes.) O homem é fraco e é aqui que entra o elemento mais desconcertante deste filme: a mulher nua, de uma beleza atordoante, vai lançar o caos na nave, para depois lançar um caos ainda maior no planeta Terra. A "evil house" aqui é a "evil box" transparente, o tal sepulcro onde o corpo esplendoroso se oferece indefeso ao olhar dos "homens demasiado humanos" da Terra. O canal do mal – e do horror – é o desejo muito *terreno* pela carne, mas não poderemos ir muito mais longe nestas analogias, porque Hooper, talvez embriagado pelo seu orçamento de superprodução (25 milhões de dólares), quis complicar a equação.

Os humanoides "from outer space" vão revelar-se pais de todos os condes Dráculas e Nosferatus deste mundo. Fica o alerta, sem querermos revelar todos os contornos dessa linhagem surpreendente: a mulher pode ser bonita e irresistível, mas também é, como se diz a certa altura, "not human, (...) she will destroy you". Seria interessante continuarmos a pensar passagens como esta como parte de uma das parábolas *sci-fi* mais ginofóbicas da história do cinema, mas não vale a pena aprofundar muito mais um filme enformado por tanta ginástica narrativa e ainda com algum (in)voluntário sentido de humor. Se passados poucos minutos as explicações já abundam na sua inverosimilhança delirante, no princípio do segundo ato, descobrimos que os "vampiros do espaço" podem conferir "poderes psíquicos" a algumas – ou talvez apenas a uma – das suas vítimas. A partir daqui, o sobrevivente cosmonauta Carlsen junta às capacidades inquisitoriais do inspetor da Scotland Yard Colin Caine uma arma

super-humana e o filme passa a explicar-se a si mesmo com frases como "I feel it" ou "I sense it".

Carlsen passa a ver com os olhos da *femme fatale* alienígena, entrando numa luta telepática contra a sua teia de sedução poderosamente sexual. Ora, é impossível não citar aqui o título que serviu de balão de oxigénio a Hooper no início acidentado da sua carreira: a mini-série de terror, adaptada de um romance de Stephen King, **Salem's Lot**. De novo, trata-se aqui de uma casa assombrada, mas, pela primeira vez, se descobre a atração de Hooper pela figura clássica do vampiro – no filme, um sócia de Nosferatu lança o seu feitiço demoníaco sobre os habitantes de uma povoação do interior norte-americano. A história desenrola-se a partir do momento em que "entra em cena" Ben Mears, um escritor que visita a comunidade com o intuito de ficcionalizar a história da casa assombrada que dá título à série. O romance que este vai desenvolver com Susan Norton, quando o mal já está à solta, será replicado de algum modo em **Lifeforce**, na ainda mais fantástica história dessa "atração fatal" entre a alienígena sensual e Carlsen.

Foi muito por causa do sucesso de **Salem's Lot** que Hooper foi contratado para dirigir esta megaprodução, que acabou por afundar bem fundo no *boxoffice* e receber péssimas críticas. A carreira de Hooper entra em declínio a partir daqui e praticamente "acaba por acabar" com o projeto arriscado de fazer a parte II, delirante e grotesca, de **The Texas Chain Saw Massacre. Lifeforce**, hoje visto com um sorriso nos lábios e com um certo prazer *camp*, é uma salganhada que teve o poder de equiparar a carreira de Hooper ao célebre cometa Haley, perto do qual a nave alienígena tem a sua primeira aparição no filme: daria nota de si de muitos em muitos anos, mas parávamos sempre para assistir, com um entusiasmo renovado, à sua nova "exibição".

Luís Mendonça